

O lusco-fusco de Han Kang, em *Aula de Grego*

Han Kang's Twilight, in *Greek Lessons*

Karen Amaral Sacconi

Doutora pela Universidade de São Paulo (USP)

<https://orcid.org/0000-0002-6673-3990>

karensacconi@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.12957/principia.2026.96871>

RESUMO: Resenha crítica do livro *Greek Lessons: a Novel* (Hogarth Press, 2023), de Han Kang, discutindo a forma com que a imagem do crepúsculo atravessa a obra e se vincula a questões ligadas à língua e filosofia gregas.

Palavras-chave: Han Kang; grego; Platão; crepúsculo.

ABSTRACT: Critical review of the book *Greek Lessons: a Novel* (Hogarth Press, 2023), by Han Kang, discussing the way the image of twilight runs through the work and connects to issues related to Greek language and philosophy.

Keywords: Han Kang; Greek; Plato; twilight.

Resenha crítica

Há cerca de 15 anos, a escritora sul-coreana Han Kang, agraciada com o Nobel de Literatura em 2024, publicava *Aula de grego*¹ (2011), obra subsequente ao título que lhe traria mais fama, *A vegetariana*² (2007). Menos celebrado que outras obras da autora – quatro delas

¹ *Huirabeo sigan*, romanização do original em coreano 희랍어 시간. A tradução do título para o português, “Aula de grego”, é de Ji Yun Kim, professora do departamento de Letras Orientais da FFLCH-USP que se debruçou sobre a obra em sua tese de doutorado (KIM, J. Y. Tradução de *Aula de grego*, de Han Kang, ao português: o corpo e o ritmo, 2022), e a quem agradeço por ter gentilmente enviado seu trabalho quando o solicitei, já ao fazer os ajustes finais deste texto. Esta resenha, no entanto, foi feita a partir da edição em inglês *Greek Lessons: a Novel* (Hogarth Press, 2023), uma vez que só tomei conhecimento da tese de Ji Yun Kim há pouco tempo. Como mencionarei no corpo do texto, a obra não foi publicada no Brasil até o momento. Pela editora portuguesa Dom Quixote, o livro encontra-se esgotado.

² *Chaesikjuuija*, romanização do original em coreano 채식주의자.



lançadas no Brasil pela editora, *Todavia: Sem despedida* (2025), *O livro branco* (2023), *Atos humanos* (2021), e *A vegetariana* (2018) – *Aula de grego* tem algo a oferecer. Neste texto, comento-o não como leitora de Han, mas como estudante de grego.

Aula de grego (2023) é um livro crepuscular. E nas diversas formas com que explora a imagem do crepúsculo – desde a camada mais superficial do texto, uma prosa poética dedicada à sinestesia, às camadas mais profundas, que levam ao seu cerne temático – reside o seu aspecto mais interessante. Em seu sentido próprio, o crepúsculo está nas fartas descrições do anoitecer e amanhecer, e suas gradações de luz e cor, que ajudam a compor uma estética fotográfica do lusco-fusco. Como metáfora, ele atravessa simbolicamente outras dimensões do livro, nas quais pretendo deter meu comentário.

A história gira em torno de duas personagens que vivem circunstâncias especiais. Uma mulher que passa por um bloqueio da fala em razão de um processo psicológico e um homem que está perdendo a visão devido a uma doença genética. O epicentro são as aulas de grego. Ele, um sul-coreano radicado na Alemanha que decide voltar para a terra natal, é o professor. Ela, uma mãe que perde a guarda do filho pequeno por ser considerada incapaz, aluna.

O paralelismo entre os dramas pessoais joga luz sobre elementos estruturais da narrativa. As separações entre Ela e o filho, de um lado, e entre Ele e sua família, de outro, têm como denominador comum as relações afetivas cindidas. No nível das enfermidades física e psíquica que os acometem, a cisão se repete. O sujeito se aparta do mundo sensível. Ela, do som; Ele, da imagem. São vicissitudes que têm, para as personagens, sua dimensão trágica e, não obstante, delas emergem questões que resvalam a seara da filosofia.

Assim, as reflexões do professor ganham, ao longo do livro, uma perspectiva que dialoga com Platão: a rejeição do mundo sensível, como uma realidade secundária, é desejável, em favor de outra mais verdadeiramente “real”.

Poderia realmente ter sido pelo motivo que você apontou que eu fui atraído pelo mundo às avessas de Platão? Assim como, antes disso, eu havia ficado enfeitiçado pelo budismo, que eliminava de uma só vez o mundo real da existência sensorial? Ou seja, por que eu tinha certeza de que iria perder este mundo visível?³ (Han, 2023, p. 110).

³ Todas as traduções são minhas, a partir da edição de referência em inglês (Han, 2023). O trecho em questão constará sempre em nota de rodapé, como se segue: *Might it actually have been for the reason you gave that I was drawn to Plato's back-to-front world? Just as, before that, I had been spellbound by Buddhism, which did away with the real world of sensory existence in one fell swoop? That is to say, because I was certain to lose this visible world?*



O budismo apresenta-se, nesse ponto, como contraparte dessa noção platônica, talvez na mesma chave dicotômica de Coreia/Alemanha e Oriente/Ocidente, presente em outras passagens do livro. Buda e seu simbolismo também têm um papel no universo d’Ela, quando as celebrações pelo aniversário da divindade povoam sua memória e seu presente, na forma de lanternas coloridas que iluminam parcialmente o céu – uma variante do crepúsculo. Mas, a despeito dessas passagens, nas quais Buda se associa ao abandono da “existência sensorial”, é Platão que parece ter alguma centralidade na obra. É o único autor grego citado – o que acontece mais de uma vez – e parece justificar o título do livro.

Ao pensar a sua própria condição, o professor recorre a uma noção chave da filosofia platônica. Tenta conceber “as Formas da escuridão, da morte, da dissolução”⁴ e conclui que “sem ao menos uma débil luz, não há Forma”⁵ (Han, 2023, p. 109). As palavras usadas por Platão para designar Forma são *eídos* e *idéa*, ambas derivadas do verbo *eídon*, “vejo”. Isto é, embora a Forma seja, para o filósofo, acessada pela razão, e não pelos sentidos, as palavras que ele usa para designá-la são emprestadas da semântica sensorial, mais especificamente, da visão. À beira da escuridão, Ele se apropria dessas noções platônicas para, de alguma forma, negá-las. E assim, despede-se do mundo visível, mas para adentrar outro em que “não há Forma”.

Para além da noção de um mundo cindido entre sua parte sensível e sua outra parte – que, em Platão, seria sua parte inteligível –, e do significado ao mesmo tempo concreto e simbólico que essa cisão representa para as personagens, Platão é evocado de outras maneiras. Em uma das poucas falas do livro, o professor descreve aos alunos “a língua de Platão” como o ponto mais alto que a língua grega chegou, com “regras extremamente elaboradas e complexas” e que, no entanto, após atingir seu “zênite”, estava fadada à curva descendente (Han, 2023, p. 25). A ideia de que a língua percorre um caminho até o seu ápice e, depois disso, decai, perfazendo o trajeto de um corpo celeste visto da Terra, é significativo, considerando-se que o silêncio é a característica mais marcante da aluna. Sobre Ela, o professor comenta:

Há, de fato, uma aluna em especial que despertou meu interesse, à qual tenho dedicado bastante atenção ultimamente. [...] essa pessoa nunca se interessou por nenhum dos textos que abordamos. Nem pela filosofia grega, nem pelas obras literárias, nem pelas passagens do Novo Testamento que às vezes são citadas. No entanto, não se tratava de preguiça; pelo contrário, ela nunca teve

⁴ [...] *the Forms of darkness, death, dissolution.*

⁵ *Without even a feeble light, there is no Form.*



uma única falta às aulas. Tenho a impressão de que ela presta atenção apenas aos elementos interessantes da própria linguagem – a gramática e os giros de frase⁶ (Han, 2023, p. 69).

Ele assinala que o objeto de interesse de sua aluna não-verbal é tão somente o aspecto linguístico, isto é, aquilo que se lhe apresenta como o suprassumo de uma língua clássica, falada em toda a sua complexidade. Contemplar a língua de Platão é, para Ela, como contemplar o zênite desde o seu lugar no ocaso.

O ocaso, no livro, representa uma maneira de estar na fronteira. Essa é a condição que alcança inclusive personagens secundárias, como o jovem alemão, amigo do professor e desenganado ainda criança por conta de uma doença grave. Estudante de filosofia, o rapaz crê-se detentor de uma *areté*, “excelência”, para o fazer filosófico, por ter tido desde cedo a morte como companheira. O rapaz alemão de *Aula de grego* lembra o jovem Hippolit de *O idiota*, exceto pelo traço algo patético com que Dostoiévski descreve sua personagem. Tísico em grau avançado, Hippolit percebe-se moribundo quando desencorajado de estudar a gramática grega – não lhe haveria tempo.

A pré-morte é um tema caro a Dostoiévski, tendo ele mesmo, de certo modo, experienciado esse estado quando condenado à pena capital e perdoado pouco antes de sua execução. Ela está presente, também de certo modo, na sua noção de “suprema existência”, o momento sublime, de uma aguda “autoconsciência” e “autossensação”, que antecede o ataque epilético (Dostoiévski, 2002, p. 263-4). Trata-se, novamente, de situar-se no limiar.

Mas a ligação entre filosofar e morrer, sugerida pelo rapaz alemão, leva novamente e sobretudo a Platão, para quem a filosofia é um treino para a morte (*Fédon* 64a, 67e, 80e-81a). Para Han, ao que parece, importa menos discutir a validade da proposição do que investigar, sob ângulos diversos, o que é estar nessa antessala.

Dos ângulos diversos com que a autora explora o tema, o mais cru é o episódio do cão. Por meio dessa outra personagem marginal, trazida à tona pela memória d’Ela – o cãozinho da

⁶ *There is, in fact, one particular student who’s caught my interest, whom I’m quite attentive to these days. [...] this person was never interested in any of the texts we covered. Not in Greek philosophy, in works of literature, or in the New Testament passages that are sometimes quoted. Yet it wasn’t laziness; on the contrary, she never had a single absence from class. I feel that she pays attention only to the interesting elements of language itself—the grammar and the turns of phrase.*



infância –, a semimorte é realizada na narrativa do atropelamento. Com metade do corpo esmagado no asfalto e a outra metade, em agonia, abraçada pela dona, o cão a morde.

A cena nos remete a uma expressão usada por Ela, em outra passagem do livro, para descrever a transição do dia para a noite, “a hora dos cães e lobos”⁷ (Han, 2023, p. 144). Eis o objeto do livro: a passagem, a fronteira, a hora extrema – e os modos de se estar lá. Situar-se precisamente no limite entre a luz e a escuridão, entre o som e o silêncio, entre a vida e a morte. O momento em que – e talvez a expressão em inglês traga algo nesse sentido – os cães já não são mais cães. Deixam-se os limites do domesticado, visível e conhecido. Adentra-se o indomado. Não só no tempo, mas também no espaço, a autora volta-se para as regiões limítrofes: pálpebras e lábios. “Que nossos corpos têm pálpebras e lábios, que às vezes podem ser fechados de fora e, em outras, trancados firmemente por dentro”⁸ (Han, 2023, p. 148).

O lusco-fusco surge então como uma imagem-chave. Mas a palavra coreana que o designa não chega, por uma questão de vinculação poética entre forma e matéria, a ser enunciada. É *quase dita*. Ou *meio dita*.

Naquele instante, a lembrança de uma palavra há muito perdida emerge dentro dela, partida ao meio, e ela tenta agarrá-la. Ela aprendera que, em tempos passados, existira uma palavra – uma palavra em *hanja* que começava com 呼, *ho* – com a qual as pessoas se referiam à meia-luz logo depois do pôr do sol e pouco antes de ele nascer. [...] Uma palavra cuja etimologia é semelhante à da expressão ocidental “a hora dos cães e dos lobos”, uma palavra que começava com *ho*... Essa palavra eternamente incompleta, eternamente não inteira, agita-se profundamente dentro dela, sem jamais chegar à sua garganta⁹ (Han, 2023, p. 144).

O crepúsculo chega, por fim, à sua dimensão literária. Nesse último nível, sugere-se o ocaso da palavra, “gasta e esfarrapada ao longo de milhares de anos, pelo desgaste causado por incontáveis línguas e penas”¹⁰ (Han, 2023, p. 151). É a literatura que se encontra em sua última fronteira. A autora, no entanto, não parece propor um olhar resignado para aquilo que foi o

⁷ [...] *the hour of dogs and wolves*.

⁸ *That our bodies have eyelids and lips, that they can at times be made to close from the outside, and at other times to lock fast from within.*

⁹ *That instant, the memory of a long-lost word rises up in her, cut in half, and she tries to grab hold of it. She had learned that, in times past, there had been a word, a Hanja word beginning with 呼, ho, by which people had referred to the half-light just after the sun sets and just before it rises. [...] A word whose derivation is similar to the Western expression “The hour of dogs and wolves,” a word beginning with ho... This eternally incomplete, eternally unwhole word stirs deep within her, never reaching her throat.*

¹⁰ *Language worn ragged over thousands of years, from wear and tear by countless tongues and pens.*



zênite, espécie de era dourada das letras. No lugar disso, Han oferece um poema em prosa como forma de contemplação literária do ocaso em si mesmo.

REFERÊNCIAS

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O idiota**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2002.

HAN, Kang. **Greek Lessons**: a novel. Tradução de Deborah Smith e E. Yaewon. Nova York: Hogarth Press, 2023.

PLATÃO. **Fédon ou sobre a alma**. Tradução de Gabriele Cornelli. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2025.

KIM, Ji Yun. **Tradução de Aula de grego, de Han Kang, ao português: o corpo e o ritmo**. 2022. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Recebido em: 13 fev. 2026

Aceito em: 11 abr. 2026